

VOZES INDÍGENAS, SABERES ANCESTRAIS: UM FESTIVAL UNIVERSITÁRIO COMO PLATAFORMA DE DIÁLOGO INTERCULTURAL

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-214>

Dra. Maria Christina da Silva Firmino Cervera
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)
chriscer@unifesspa.edu.br

RESUMO

O projeto, em andamento, *Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra* visa promover a valorização e preservação da diversidade cultural indígena, integrando vivências acadêmicas de estudantes indígenas e não indígenas com as expressões culturais de algumas comunidades indígenas do sudeste paraense. Com objetivos como celebrar manifestações culturais, conscientizar sobre as contribuições dos povos indígenas, promover ações interculturais e alinhar-se aos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ONU) 4 e 10, a iniciativa destaca a importância da inclusão e do diálogo intercultural no ambiente universitário. Em um contexto amazônico, onde as identidades indígenas têm papel central na pluralidade cultural. O festival reforça o papel transformador da educação na construção de uma sociedade mais equitativa e sustentável. A proposta também evidencia o compromisso da universidade pública com a responsabilidade social, a inclusão e a justiça, alinhando-se aos objetivos globais da Agenda 2030. Assim, o festival se consolida como uma prática que celebra a riqueza cultural enquanto promove a transformação social e acadêmica.

Palavras-chave: Linguística aplicada. Educação intercultural. Identidade cultural. Festival. Inclusão.



1 INTRODUÇÃO

A universidade pública é um espaço plural e diverso, que reflete as múltiplas culturas, saberes e vivências que compõem o Brasil. No contexto da Amazônia brasileira, essa diversidade assume uma dimensão ainda mais marcante, especialmente devido à presença significativa de estudantes indígenas, que trazem consigo um patrimônio cultural profundamente enraizado nas tradições e modos de vida de seus povos.

Nesse cenário, o projeto de extensão *Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra* emerge como uma iniciativa estratégica para valorizar, preservar e promover a riqueza cultural indígena no ambiente acadêmico. Ao trazer para o ambiente acadêmico os saberes ancestrais dos povos originários. O festival contribui para a descolonização do conhecimento e para a construção de uma identidade cultural mais plural. Além disso, o evento busca criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para os estudantes indígenas, proporcionando-lhes um espaço onde possam se conectar com suas raízes e se sentir parte da comunidade acadêmica com naturalidade. A realização de festivais, mostras culturais e outras atividades que valorizem as culturas indígenas contribui para a visibilidade e o fortalecimento das comunidades.

Fundamentado nos princípios de inclusão, interculturalidade e responsabilidade social da universidade pública, o festival não se limita a ser um espaço de celebração cultural. Ele visa conscientizar a comunidade acadêmica e externa sobre as lutas, os saberes e as contribuições dos povos indígenas para a sociedade brasileira. Por meio de apresentações artísticas, rodas de conversa, exposições e oficinas, o evento fomenta o reconhecimento da riqueza cultural indígena enquanto estimula uma convivência universitária mais equitativa e respeitosa.

Além disso, o festival alinha-se aos compromissos da universidade com a Agenda 2030 da ONU, em especial os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Redução das Desigualdades). Dessa forma, reafirma-se o papel transformador da educação na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Essa iniciativa destaca o protagonismo indígena e reitera que o conhecimento acadêmico se enriquece ao dialogar com práticas e saberes tradicionais. Assim, o festival transforma a universidade em um espaço de trocas simbólicas, fortalecendo tanto os estudantes quanto a comunidade que a cerca.

1.1 ODS 4: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

O ODS 4 tem como meta garantir uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. No contexto do projeto, isso significa:



- Criar um ambiente universitário que reconheça e valorize as culturas indígenas como parte essencial da pluralidade do conhecimento.
- Oferecer um espaço para que os estudantes indígenas compartilhem suas tradições e saberes, promovendo o aprendizado intercultural.
- Fortalecer a formação acadêmica desses estudantes por meio de atividades que integram suas identidades culturais ao contexto universitário, reduzindo barreiras que possam dificultar seu pleno desenvolvimento.

1.2 ODS 10: REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

O ODS 10 busca reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles, promovendo a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente de origem, etnia ou condição. O projeto contribui para este objetivo ao:

- Promover o reconhecimento das contribuições dos povos indígenas e combater preconceitos e estigmas que muitas vezes marginalizam esses grupos.
- Criar um espaço inclusivo que respeite e celebre a diversidade cultural, garantindo que os estudantes indígenas tenham voz ativa e sejam protagonistas em suas trajetórias educacionais.
- Reforçar o compromisso da universidade pública com a equidade, oferecendo oportunidades de integração e valorização para estudantes historicamente sub-representados.

1.3 IMPACTO ESPERADO NO PROJETO

Alinhar-se aos ODS 4 e 10 significa que o Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra não será apenas um evento de celebração, mas também uma ação estratégica para transformar a universidade em um espaço mais equitativo e respeitoso. Assim, o projeto contribuirá para a construção de uma educação que seja de fato inclusiva, ao mesmo tempo em que fortalece a luta pela redução das desigualdades que afetam os povos indígenas.

1.4 RELEVÂNCIA DO PROJETO

Ao expandir a ideia do projeto abordamos aspectos complementares que reforçam a relevância do projeto, como os seguintes:

1.4.1 Conexão com as Políticas Públicas de Inclusão

O projeto se alinha às políticas públicas que visam ampliar o acesso e a permanência de estudantes indígenas na educação superior, reconhecendo que a inclusão não se limita a oferecer vagas, mas demanda estratégias que promovam a representatividade cultural e a valorização da diversidade.



Em particular, programas como o Plano Nacional de Educação (PNE) e as ações afirmativas para indígenas encontram eco nas propostas de projetos como este festival.

Nos últimos anos, o Brasil tem avançado em políticas públicas voltadas à inclusão de estudantes indígenas no ensino superior, como as cotas étnico-raciais e programas de permanência acadêmica. Contudo, esses mecanismos enfrentam desafios para ir além do acesso e garantir condições efetivas de permanência. Iniciativas como o festival cultural complementam essas políticas, ao oferecer um ambiente em que os estudantes indígenas se sintam valorizados e apoiados. Além disso, essas ações reforçam o compromisso da universidade com a democratização do ensino, ampliando as possibilidades de permanência com dignidade.

1.4.2 Fortalecimento da Identidade e Protagonismo Indígena

Ao criar um espaço onde os estudantes indígenas possam compartilhar suas expressões culturais, o festival contribui diretamente para o fortalecimento de suas identidades e de seu protagonismo no ambiente universitário. Este protagonismo é essencial para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, além de ser uma oportunidade para que esses estudantes ressignifiquem sua presença em espaços historicamente excludentes.

Muitos estudantes indígenas enfrentam dificuldades para conciliar as exigências do ambiente acadêmico com suas responsabilidades culturais e comunitárias. O festival atua como um espaço para que eles expressem suas tradições e compartilhem seus conhecimentos, possibilitando a ressignificação de suas identidades em um contexto universitário. Esse protagonismo é crucial para combater preconceitos e fortalecer a autoestima, promovendo uma visão positiva sobre o papel dos povos indígenas na sociedade contemporânea.

1.4.3 Interculturalidade como Princípio Educacional

A interculturalidade proposta pelo festival não é apenas um elemento cultural, mas uma estratégia pedagógica que enriquece a formação de todos os alunos da universidade. Ao promover a troca de saberes entre culturas, a universidade cumpre sua função de ser um espaço dialógico e inclusivo, essencial para formar cidadãos críticos e comprometidos com a diversidade e a equidade.

A interculturalidade vai além do reconhecimento da diversidade; trata-se de promover interações respeitadas e enriquecedoras entre diferentes culturas. No contexto do festival, ela se manifesta não apenas nas apresentações artísticas e culturais, mas também nos diálogos e reflexões que emergem durante o evento. Essa prática contribui para uma educação que valoriza múltiplas perspectivas e prepara os estudantes para atuarem em um mundo globalizado, sem perder de vista o contexto local e as especificidades culturais.



1.4.4 Impacto na Comunidade Acadêmica e Externa

Além dos impactos diretos nos estudantes indígenas, o projeto contribui para sensibilizar a comunidade acadêmica como um todo, promovendo o respeito e a empatia em relação às diferenças culturais. Esse efeito transcende os muros da universidade, gerando reflexões e mudanças que podem influenciar políticas institucionais, práticas pedagógicas e ações de extensão em outras regiões.

1.4.5 Relação com a Sustentabilidade Cultural

A cultura é um elemento essencial da sustentabilidade, especialmente em regiões como a Amazônia, onde os povos indígenas desempenham um papel central na conservação ambiental e na manutenção de modos de vida sustentáveis. O festival, ao dar visibilidade a essas culturas, reforça a ideia de que o respeito e a valorização dos povos indígenas são inseparáveis do desenvolvimento sustentável da região.

A preservação das culturas indígenas é essencial para a sustentabilidade cultural e ambiental, especialmente na Amazônia. Os povos indígenas não apenas carregam conhecimentos ancestrais sobre a biodiversidade, mas também práticas de convivência sustentável com a natureza. O festival é uma oportunidade de sensibilizar a comunidade acadêmica para essas conexões e destacar como o saber indígena pode contribuir para soluções inovadoras em áreas como ecologia, saúde e educação.

1.4.6 Integração de Saberes Tradicionais e Acadêmicos

O projeto também é uma oportunidade de integrar os saberes tradicionais e acadêmicos, rompendo com a dicotomia que muitas vezes coloca esses conhecimentos em oposição. Oficinas e debates realizados durante o festival podem criar pontes entre essas formas de saber, abrindo espaço para pesquisas colaborativas e inovações baseadas na sabedoria ancestral.

O festival pode incorporar atividades como rodas de conversa com lideranças indígenas, oficinas de línguas originárias ou demonstrações de práticas tradicionais, promovendo uma interação genuína entre os saberes acadêmicos e tradicionais. Essa abordagem cria novas possibilidades para pesquisas e práticas pedagógicas, ajudando a universidade a se tornar um espaço mais inclusivo para diferentes formas de conhecimento. Além disso, demonstra que a ciência e a tradição não são concorrentes, mas complementares.

1.5 PROPOSTA DE DESDOBRAMENTOS

O Festival não é apenas um evento, mas uma manifestação concreta do compromisso da universidade com a construção de um futuro mais inclusivo, respeitoso e sustentável. Por meio de iniciativas como esta, reafirma-se que a universidade é, antes de tudo, um espaço para acolher, dialogar



e transformar realidades, honrando a riqueza cultural de nossa sociedade e projetando-a como um bem comum para as próximas gerações.

Na perspectiva de o festival ser bem-sucedido, ele pode servir como um projeto piloto para outras universidades brasileiras. Os aprendizados obtidos com sua realização poderiam ser documentados e compartilhados, ampliando a repercussão dessa iniciativa. Também seria possível criar parcerias com instituições públicas e privadas para financiar e dar continuidade a programas semelhantes, consolidando a valorização cultural como parte do cotidiano acadêmico.

Além de fortalecer as políticas de acesso e permanência, o festival pode dialogar diretamente com iniciativas como o Programa de Bolsa Permanência (PBP), que visa apoiar financeiramente estudantes indígenas e quilombolas. O evento, ao integrar atividades acadêmicas e culturais, pode ser apresentado como uma boa prática para justificar a ampliação de investimentos nesses programas. Ademais, evidencia que a universidade não apenas acolhe estudantes indígenas, mas também reconhece sua contribuição intelectual e cultural como central para a construção do conhecimento. A articulação com lideranças comunitárias: Trazer representantes de aldeias ou comunidades indígenas para dialogar sobre como a universidade pode se tornar um espaço mais acolhedor e conectado com as realidades indígenas.

A seguir, veremos como a ideia será fundamentada ao apresentarmos o referencial e , em seguida, a metodologia inicial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto se insere no âmbito da Linguística Aplicada, campo que busca aplicar os conhecimentos teóricos da linguística às situações reais, encontrando terreno fértil na urgente necessidade de preservar as línguas indígenas em risco de extinção. A conservação dessas línguas não é apenas uma questão linguística, mas também um imperativo ético e cultural que envolve a identidade, os conhecimentos ancestrais e a própria sobrevivência de comunidades inteiras.

2.1 A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: UM PILAR FUNDAMENTAL

A Educação Intercultural, como defendida por autores como Candau e Fleury, desempenha um papel crucial nesse processo. Ao promover o diálogo entre culturas, a educação intercultural valoriza a diversidade linguística cultural, desconstruindo preconceitos e estereótipos.

Acrescentam-se ainda autores como Jean-Paul Bronckart cujos estudos sobre a análise de discurso e a mediação semiótica são fundamentais para compreender como as línguas são usadas em contextos sociais e culturais específicos; Telma Ferraz Almeida, cuja obra destaca a importância da linguagem como ferramenta de construção de identidades e de resistência cultural; Vera Candau, que defende uma educação intercultural que valorize a diversidade e promova a justiça social; Reinaldo

Matias Fleury, que aborda os desafios da educação intercultural no Brasil, enfatizando a necessidade de uma escola que respeite a diversidade cultural e linguística; Maria da Conceição Gomes de Oliveira Gohn, cujos estudos sobre educação não formal e movimentos sociais contribuem para a compreensão da importância da participação comunitária na preservação das culturas indígenas, além da Organização das Nações Unidas (ONU) que defende a importância da diversidade cultural e linguística e que promove políticas para a preservação das línguas indígenas, trazem, entre outros, contribuições importantes que buscamos para fundamentar o presente projeto.

A preservação da diversidade cultural e a valorização dos saberes tradicionais no âmbito acadêmico têm sido amplamente discutidas por estudiosos que destacam a importância de abordagens interculturais na educação. Segundo Walsh (2009), “a interculturalidade vai além de uma simples convivência entre culturas diferentes; trata-se de um processo crítico que busca a justiça social e o reconhecimento das epistemologias de grupos historicamente marginalizados”. Nesse sentido, o Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra alinha-se às propostas que visam integrar saberes acadêmicos e tradicionais de forma equitativa.

A relação entre território e identidade é central para a compreensão da cultura indígena. Para Almeida (2010), “os povos indígenas não apenas habitam a terra; eles são parte dela, e suas práticas culturais estão profundamente enraizadas no território que ocupam”. Este aspecto é fundamental para compreender como a identidade indígena se manifesta e se fortalece em espaços que respeitam e promovem sua relação com a terra, como propõe o festival. Segundo Haesbaert (2014), o território é não apenas um espaço físico, mas um construto sociocultural, sendo essencial para a consolidação de práticas identitárias.

Outro aspecto relevante é a importância de espaços educacionais que promovam a interculturalidade. De acordo com Fleury (2003), “a educação intercultural não é apenas um caminho para o respeito à diversidade, mas também uma estratégia para transformar relações desiguais de poder”. O festival, ao criar espaços de diálogo e troca cultural, contribui diretamente para essa transformação. Além disso, Candau (2008) reforça que a interculturalidade deve ser entendida como um princípio norteador das práticas pedagógicas, sendo essencial para promover a convivência respeitosa e a equidade.

No contexto das universidades públicas brasileiras, a presença de estudantes indígenas é um marco importante de inclusão social e reconhecimento da diversidade. De acordo com Silva (2015), “a implementação de cotas e políticas de permanência é um passo crucial, mas insuficiente se não houver iniciativas que promovam a valorização cultural e o fortalecimento das identidades indígenas”. Nesse sentido, o Festival Cultural Indígena representa uma prática inovadora que busca preencher essa lacuna. Iniciativas como essa estão alinhadas com os estudos de Gohn (2011), que destacam a relevância dos projetos culturais para a inclusão social e o fortalecimento comunitário.



Ademais, a Agenda 2030 da ONU oferece um importante arcabouço teórico para contextualizar o impacto de projetos como este. O ODS 4, que visa garantir uma educação inclusiva e de qualidade, está intrinsecamente ligado à promoção da diversidade cultural no ambiente educacional. Segundo a ONU (2015), “a educação de qualidade deve refletir a diversidade e promover o diálogo intercultural como base para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis”. Já o ODS 10, que busca a redução das desigualdades, enfatiza a importância de iniciativas que promovam a inclusão social e econômica de grupos historicamente marginalizados. O festival, ao alinhar-se a esses princípios, reforça o papel da universidade como agente de transformação social e promoção da justiça.

Por fim, Santos (2007) aponta que “a ecologia de saberes é uma abordagem que reconhece a pluralidade epistemológica e valoriza o diálogo entre diferentes formas de conhecimento”. O Festival Cultural Indígena incorpora esse conceito ao promover a interação entre saberes acadêmicos e tradições indígenas, criando um espaço de aprendizado coletivo e inclusivo. Nessa perspectiva, as oficinas e rodas de conversa que serão realizadas durante o evento podem servir como exemplos práticos da integração de saberes, demonstrando que as epistemologias tradicionais oferecem contribuições significativas para áreas como sustentabilidade, educação e saúde.

Em síntese, o referencial teórico que embasa o *Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra* ressalta a importância de práticas educativas que promovam a interculturalidade, valorizem a identidade indígena e contribuam para uma educação mais inclusiva e alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Essas iniciativas não apenas enriquecem o ambiente acadêmico, mas também fortalecem o compromisso da universidade com a justiça social e a transformação da sociedade.

3 METODOLOGIA

O projeto, em andamento, *Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra* visa promover a valorização e preservação da diversidade cultural indígena, integrando vivências acadêmicas de estudantes indígenas e não indígenas com as expressões culturais de algumas comunidades indígenas do sudeste paraense, será realizado em 2025 em dois momentos: o primeiro momento de forma a ser um piloto e o segundo momento com o objetivo de se tornar institucional. Para alcançar este objetivo, será adotada uma metodologia participativa, com envolvimento ativo das comunidades indígenas em todas as etapas do planejamento e da execução do evento. Além disso serão utilizadas tecnologias inovadoras para divulgar o festival e promover a interação entre os participantes. A avaliação do festival será realizada por meio de questionários, observação participante e análise de dados quantitativos e qualitativos, permitindo identificar os pontos fortes e fracos do evento e propor melhorias para futuras edições.

O planejamento estratégico vai garantir o sucesso do evento, dessa forma, entender a necessidade de adaptar a metodologia às mudanças do contexto, o compromisso com a inovação e a



sustentabilidade, a importância da avaliação contínua para aprimorar o projeto, são aspectos relevantes que necessitarão de atenção.

3.1 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

- **Flexibilidade:** a metodologia deve ser flexível para se adaptar a imprevistos, como mudanças no cenário político, econômico ou social.
- **Monitoramento contínuo:** É essencial acompanhar de perto o desenvolvimento do projeto e realizar ajustes conforme necessário.
- **Inovação:** Buscar constantemente novas ferramentas e tecnologias para aprimorar a experiência dos participantes e aumentar o alcance do festival.
- **Feedback dos participantes:** Utilizar o feedback dos participantes para identificar oportunidades de melhoria e adaptar a programação para futuras edições.

3.2 COM RELAÇÃO ÀS INOVAÇÕES PARA INCLUSÃO NO FESTIVAL CULTURAL INDÍGENA NA UNIVERSIDADE: RAÍZES E TERRA:

- **Realidade virtual:** Criar experiências imersivas que permitam aos participantes vivenciar a cultura indígena de forma profunda.
- **Plataformas digitais interativas:** Desenvolver plataformas online para promover o festival, conectar os participantes e compartilhar informações sobre a cultura indígena.
- **Parcerias com influenciadores digitais:** Convidar influenciadores indígenas e não indígenas para divulgar o festival e aumentar o seu alcance.
- **Oficinas de criação de conteúdo:** Oferecer oficinas para que os participantes possam criar seus próprios conteúdos, como vídeos e podcasts, para compartilhar suas experiências e conhecimentos.

3.3 PLANEJAMENTO PARA MENSURAR O IMPACTO DO FESTIVAL CULTURAL INDÍGENA NA UNIVERSIDADE: RAÍZES E TERRA NA COMUNIDADE INDÍGENA E NA COMUNIDADE ACADÊMICA

- **Indicadores quantitativos:** Utilizar métricas como números de participantes, alcance nas redes sociais e engajamento do público para avaliar o impacto do festival.
- **Indicadores qualitativos:** Realizar pesquisas de satisfação, entrevistas e grupos focais para compreender a percepção dos participantes sobre o festival e seus impactos.
- **Monitoramento a longo prazo:** Acompanhar os resultados do festival ao longo do tempo para avaliar o seu impacto duradouro na comunidade.



3.4 DESAFIOS E SUPERAÇÃO DELES

Dificuldade: Obtenção de recursos financeiros, resistência de alguns setores da sociedade, imprevistos climáticos, entre outros.

Soluções: Buscar patrocínio de empresas e instituições, construir parcerias com outras organizações, elaborar um plano de contingência para imprevistos e comunicar e forma transparente os desafios e as conquistas do projeto.

3.5 DIANTE DO EXPOSTO IREMOS CONSTRUIR

- Planejamento e organização;
- Engajamento da comunidade indígena;
- Divulgação e mobilização;
- Realização do Festival Cultural Indígena na Universidade: Raízes e Terra;
- Avaliação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia foi apresentar este projeto, inicialmente, para o chefe da Aldeia Parkatejê, todos os monitores envolvidos e outras aldeias do sudeste paraense e, em conjunto traçarmos as melhores estratégias para que este projeto piloto atinja seus objetivos.

O envolvimento de turmas que tenham alunos indígenas é importante uma vez que o projeto procura estar de acordo com as necessidades destes discentes em preservar sua cultura. É interessante ressaltar que estes estudantes indígenas atendem aos chamados de seu povo em atividades festivas em suas aldeias, prontamente, como as que ocorrem entre novembro-dezembro nas aldeias onde vivem.

Dessa forma, trata-se de um projeto piloto voltado para os alunos indígenas da graduação e alunos não indígenas, a princípio, coordenado por uma docente de Letras, projeto gestado dentro de uma disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos cuja docente observou que os alunos indígenas se sentiam desconfortáveis na universidade, uma vez que, em aula, exprimiram tais sentimentos de preconceito étnico.

Ressaltamos a necessidade de que colegas, que se alinhem ao projeto, participem, ampliando o alcance do projeto para cada vez mais alunos indígenas se sentirem prestigiados em sua universidade.

Contamos hoje com mais de vinte alunos considerados monitores voluntários deste projeto cujo primeiro movimento foi a visita à Tribo Indígena Mãe Maria, em Bom Jesus do Tocantins, tribo do primeiro membro do Grupo Gavião, o saudoso Krôhökrenhum, cujo filho Cuia, Akroiarere Parkatejê, assumiu e está no comando da aldeia.



Os reflexos em nossos alunos indígenas a partir da comunicação inicial deste projeto está sendo a melhor possível. Eles comentam que agora estão se sentindo mais pertencentes ao ambiente universitário que, a princípio, mesmo aqui, nesta parte da Amazônia, perceberam certo preconceito.

É nossa intenção, além de todas as atividades previstas à coordenação do projeto, juntamente com os monitores voluntários, elaborar um documentário para que possamos divulgar nossos resultados.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. Os quilombolas e a base de lançamento de Alcântara: território, história e luta. São Paulo: Contexto, 2010.

CANDAU, V. M. Educação intercultural: entre ideias e práticas. *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 2, p. 347-360, 2008.

FLEURI, R. M. Educação intercultural: mediações necessárias. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, p. 16-33, 2003.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas em escolas. São Paulo: Cortez, 2011.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

ONU. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nações Unidas, 2015. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SANTOS, B. S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. L. Políticas afirmativas no Brasil: avanços e desafios para a inclusão indígena. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 85, p. 99-112, 2015.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y (de)colonialidad: un enfoque a partir de la problemática educación intercultural bilingüe en América Latina. In: WALSH, C. et al. *Interculturalidad, estado y sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009. p. 113-142.